
DIALOGISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Jacqueline Authier-Revuz*

Resumo

Faz-se neste texto uma análise da especificidade do discurso de divulgação científica a partir da posição da autora sobre a heterogeneidade da linguagem. Esta análise reflete sobre a constituição deste gênero de discurso na sua relação, de um lado, com o discurso científico e, de outro, com o discurso pedagógico.

É no quadro de uma abordagem “dialógica” do discurso¹ que me interessei por textos de divulgação científica (D.C.) destinada ao grande público – *Ciências da Vida, Ciência e Futuro*, páginas especializadas do *Le Monde* – : eles apresentam, com efeito, quanto à questão da heterogeneidade, do lugar do outro, um funcionamento discursivo muito tipificado – o de uma encenação do dialogismo, que faz da D.C. um “gênero” particular no conjunto das práticas de reformulação².

O dialogismo tal como Bakhtin o apresenta é, primeiro, uma condição de existência de todo discurso³. O princípio segundo o qual *fala-se sempre com as palavras dos outros* trabalha em dois níveis: por um lado, nenhuma palavra é virgem, mas, ao contrário,

* Professora na Universidade de Paris III/CNRS. Este artigo foi publicado originalmente em *DISCOSS*, 1-1985, pp. 117-122.

¹ Cf. Authier-Revuz, 1982b.

² Apoio-me aqui largamente em Authier-Revuz, 1982a.

³ Ver M. Bakhtin (1975), *Esthétique et Théorie du Roman*, e T. Todorov (1981), *Mikhail Bakhtine - Le Principe Dialogique*; seguido de *Ecrits du Cercle Bakhtine*.

carregada, “habitada” pelos discursos “em que tenha vivido sua vida de palavra”, e a lei de todo discurso é de fazer-se, inevitavelmente, no *meio do já-dito dos outros discursos*, perspectiva que se reencontra em análise do discurso, na qual o discurso é concebido como produzido no e pelo interdiscurso; por outro lado, o discurso não existe independentemente *daquele a quem é endereçado*, ou seja, os propósitos do destinatário são incorporados e determinam o processo de produção do discurso, perspectiva que se reencontra na noção de “co-enunciador” e nos trabalhos consagrados à interlocução.

Este duplo dialogismo – que participa do que chamo heterogeneidade constitutiva de *todo* discurso – escapa larga e inevitavelmente ao enunciador e não se manifesta no fio do discurso por marcas lingüísticas. É por uma abordagem discursiva que coloca em relação um texto e um ambiente discursivo que se pode tentar esclarecer certos aspectos do trabalho do dialogismo.

Nesta perspectiva, o conjunto das práticas de reformulação que – nos campos publicitário, político, pedagógico, por exemplo – produz um discurso segundo, em função do “alvo visado”, oferece um campo privilegiado ao estudo dos mecanismos do dialogismo, pela nitidez com a qual pode aí ser posta a dupla restrição do já-dito do discurso fonte (D1) e do destinatário do discurso segundo (D2). É claramente o caso da D.C., que se atribui o papel de “colocar sob uma forma acessível ao público o resultado das pesquisas científicas”⁴. E a tese de M. F. Mortureux (1982), por exemplo, sobre os *Entretiens* de Fontenelle, é um exemplo de colocação em evidência, no fio do texto, dos traços – fragmentos conservados, substituições, transformações... – do trabalho essencialmente dialógico, de reescritura de um discurso fonte, o de Descartes.

Outra coisa é o nível do dialogismo “mostrado”, ou seja, da *representação* que um discurso dá em si mesmo de sua relação com o outro, do lugar que ele lhe dá, explicitamente, designando na seqüência, através de um conjunto de marcas lingüísticas, os pontos de heterogeneidade.

Entre as formas que, suspendendo localmente o empreendimento enunciativo, marcam uma distância em relação a um ponto do discurso, caracterizado por isso como exterior,

⁴ Debates da Associação dos Escritores Científicos da França, citados em *Le Partage du Savoir - Science, Matière, Vulgarisation* (P. Roqueplo, 1974).

⁵ Sobre este ponto, cf. Authier-Revuz, 1981, Authier-Revuz, 1982b.

inapropriado – no sentido próprio – ao discurso no qual ele figura, encontram-se as formas do discurso relatado, as aspas, as glosas duplicando o *fio do discurso*⁵ (X, como dizem os especialistas, para falar metaforicamente, se se pode dizer, dito de outra maneira Y, etc...).

Estudar as formas pelas quais um discurso coloca um exterior a si mesmo, e por conseguinte delimita um interior, é ter acesso à imagem que um discurso constrói de si mesmo. Concretamente, é especificar de *qual(is) outro(s)* um discurso escolheu distanciar-se, dando-lhe(s) lugar, mostrado, em si mesmo; e sobre que *modo* funciona a relação a este(s) outro(s) mostrado(s): tanto quantitativamente – desde discursos “saturados” de heterogeneidade mostrada até discursos tendencialmente monológicos, não dando lugar ao outro – , quanto qualitativamente – desde o jogo das “pequenas diferenças narcísicas” até os afrontamentos visando destruir o outro discurso.

No conjunto das práticas de reformulação, para as quais as condições dialógicas de produção aparecem com uma nitidez particular, é no terreno da representação do dialogismo no fio do discurso que a D.C. se singulariza: diferentemente do manual escolar, por exemplo, ou em uma outra ordem de reformulação, da tradução entre línguas, a D.C. designa continuamente, como dois exteriores, o discurso científico fonte e o discurso familiar do grande público, entre os quais ela se coloca em cena como atividade de reformulação.

É em dois níveis que se realiza esta representação do dialogismo, o do quadro enunciativo e o do fio do discurso.

Esquemáticamente⁶, os artigos de D.C. colocam em cena de modo muito insistente uma dupla estruturação da enunciação:

a) a do discurso científico D1, que aparece massivamente sob a forma de discurso indireto: “O Senhor X (os químicos, os especialistas, o mundo dos eruditos...) pensa (diz, experimentou, demonstrou, explicou, etc....) que...”, nos quais os nomes próprios dos enunciadores, lugares, tempos dos atos de enunciação são especificados abundantemente. Onde o manual científico francês produz, visando a um certo público, reformulações que são massivamente do tipo: “P”, a D.C. reformula sob a forma “X

⁶ Retomo aqui, de maneira muito resumida, análises que estão expostas, com exemplos, em Authier-Revuz, 1982a.

(ou seja D1) diz que P”;

b) a de D2, ou seja, do discurso de D.C. produzindo-se: uma ancoragem temporal muito marcada (hoje, nos últimos anos, na próxima década, etc....); e uma designação dos interlocutores – o divulgador e o leitor – e do ato de comunicação que os liga (“cremos ser nosso dever informar”, “os leitores que gostam de estar em dia”, “mostrar-vos”...).

No conjunto, uma estrutura ternária: “*eu vos (lhes) digo que eles dizem que P*”, com dois pólos: “eles”, “vos (lhes)”, entre os quais funciona a mediação do “eu”.

No nível do fio do discurso, é a comparação com a tradução que me parece a mais esclarecedora: o divulgador é frequentemente representado como um perito em tradução, a quem é necessário recorrer em virtude de uma “ruptura” de comunicação na sociedade; mas no lugar em que a tradução, por um trabalho de vaivém entre as duas línguas, de busca de equivalente, de tateamentos, etc...., produz um texto segundo que, homogeneamente em língua de chegada, substitui um texto da língua fonte, a D.C. representa, em discurso, a colocação em contato de dois discursos, constrói uma imagem da tradução em andamento, através de um fio de discurso explicitamente heterogêneo. Este fenômeno, absolutamente massivo, realiza-se através de duas estruturas principais: a justaposição de dois discursos, sobre a cadeia, por numerosas formas de estabelecimento de equivalência (A, ou seja, B; A significando, batizado de B; A ou B, etc....); o distanciamento metalingüístico alternativamente de um e de outro discurso, designado, com uma flagrante densidade, pelo itálico ou pelas aspas, como exterior, inapropriado (a “varves”, “tuage”, “cluster”... como dizem os especialistas, em textos em francês que analisei, responde “portes”, “boîtes”, “cartes de visite” como posso tentar dizer metaforicamente para lhes fazer compreender).

Notemos que se o discurso de D.C. coloca em uma relação simétrica os dois discursos entre os quais ele se constitui, eles são regularmente caracterizados de modos diferenciados: a distância dos termos eruditos é a de um “como dizem exatamente, em uma língua difícil mas fundada racionalmente, os especialistas”, nuançada às vezes por um “como dizem em seu jargão”; enquanto a distância dos termos familiares se funda sobre um “como (se) se pode dizer, aproximativamente, esquematicamente, grosseiramente, metaforicamente, etc....”, nuançado por um “eficazmente, apesar de

tudo”.

Somos tocados, enfim, nesses textos, pelo fato de que não há sentido privilegiado nos estabelecimentos de equivalência, que fariam ir regularmente do especializado ao familiar ou vice-versa; não mais que se observa uma redução no curso de um artigo, da quantidade de formas marcadas como exteriores, ou seja, uma passagem progressiva a um discurso apresentado como homogêneo; a verdadeira regularidade desses textos é o estabelecimento, através destas inumeráveis formas de heterogeneidade mostrada, de um caminho de *vaivém* entre esses dois discursos, de *um lugar* em que se realiza uma colocação em contato.

Tanto no nível do quadro enunciativo (“eles dizem”, e “eu lhes relato isto”) quanto no do fio deliberadamente heterogêneo do discurso, um “eu falo por um outro” é representado sistematicamente, no duplo sentido de “no lugar de” e “com a intenção de”, verdadeira encenação do dialogismo, que especifica a D.C. como “gênero”, no sentido retórico do termo, com relação a outras formas de reformulação. Esta conclusão proveniente de uma análise interna a artigos de D.C. reencontra evidentemente a observação que se pode fazer, independentemente, sobre a quantidade de textos, emissões de D.C. que tomaram no passado, e tomam, a forma do diálogo “externo” como diz Bakhtin, ou seja, a conversação⁷.

A função deste dialogismo mostrado não pode ser avaliada fora de uma relação, que se mostra aqui em oposição, tanto com o discurso origem quanto com o que o reformula no quadro pedagógico, que – esquematicamente, mas creio incontestavelmente – funcionam, na época contemporânea, na França, sobre um modo tendencialmente monológico: ou seja, representando-se como o discurso do *verdadeiro*, subtraído à heterogeneidade que neles mesmos faria entender outros discursos. A D.C. não sustenta, não pretende sustentar o discurso da Ciência; Ao contrário, por seu dialogismo exacerbado ela dele se separa ostensivamente. Mas em vez de o dialogismo da D.C. constituir um questionamento do que o dialogismo do discurso científico e de sua retomada pedagógica têm de ideológico, a dupla monologismo/dialogismo funciona, segundo penso, de maneira solidária.

⁷ Cf. sobre este ponto Mortureux (1982), e Beaujot e Mortureux (1972).

A heterogeneidade mostrada da D.C. concorre para marcar diferencialmente, como não sendo o “verdadeiro” discurso científico homogêneo. Por outro lado, através da caracterização do registro familiar como “aproximativo”, “imperfeito”, diz-se, relativamente ao discurso fonte, ou seja, ao científico, o tema da perda, da degradação de um discurso primeiro. Por isso, o discurso científico, *transmitido* mas ao mesmo tempo *perdido* na operação de “divulgação”, ocupa facilmente no discurso de D.C. o lugar fantasmático do pensamento uno, absoluto, perfeito, anterior à fala, e que se degradaria nos tateamentos e eventos dos atos de comunicação, fantasma tenaz dos locutores em ação nas marcas de retoque, reserva, reticência... com que acompanham seu dizer⁸.

Paradoxo deste discurso que mostra, mantida, a distância entre o científico e o familiar, ainda que sua finalidade mesma seja de lutar contra a “ruptura cultural”? Não, porque a eficácia do funcionamento discursivo próprio à D.C. é construir em discurso um lugar em que se efetua o em contato de dois discursos, de *representar uma comunicação em andamento*. A distância não é, pois, anulada no discurso de V.C., mas ao contrário integrada à encenação de uma estrutura tripartida de cooperação ciência-público-divulgação, que oferece ao leitor uma imagem de si próprio gratificante e confortável em um sistema de “lugares” harmoniosamente conformista.

Em que medida a D.C. atinge efetivamente seu objetivo de restabelecimento de uma comunicação rompida entre cientistas e grande público? É isto que não sei avaliar, e que se encontra fora de meu propósito! O que ela faz, em todo caso, incontestavelmente, *é dizer que ela o faz*⁹: este restabelecimento da comunicação, ela o realiza sob o modo da representação, na ordem do discurso. Se a função dita referencial, dominante no discurso científico, tem evidentemente sua parte na D.C., uma outra função parece aí pelo menos tão importante, é a função fática, no sentido amplo, trazida pela retórica¹⁰ própria à D.C. do dialogismo mostrado.

Tradução: Eduardo Guimarães

⁸ Cf. Authier-Revuz, 1981; Authier-Revuz, 1982b.

⁹ Ver as análises de Goffman sobre a “encenação da vida cotidiana”.

¹⁰ Na qual a função metalingüística tem evidentemente um grande papel.

Résumé

Ayant comme source sa réflexion sur l'hétérogénéité du langage, l'auteur fait une analyse de la spécificité du discours de vulgarisation scientifique. Cette analyse pense la constitution de ce genre de discours par rapport au discours scientifique, d'un côté, et au discours pédagogique, de l'autre.

BIBLIOGRAFIA

- Authier-Revuz, J. (1981) "Paroles tenues à distance". *Actes du Colloque Matérialités Discursives*. Lille, PUL, pp. 127-142.
- Authier-Revuz, J. (1982a) "La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique". *Langue Française*, 53, pp. 34-47.
- Authier-Revuz, J. (1982b) "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV*, 26, pp. 91-151.
- Bakhtin, M. (1975) *Esthétique et Théorie du Roman*. Moscou, trad. française: Paris, Gallimard, 1979.
- Beaujot, J.P. e Mortureux, M.F. (1972) "Genèse et fonctionnement du discours". *Langue Française*, 15, pp. 56-77.
- Mortureux, M.F. (1982) "Paraphrase et métalangage dans le discours de vulgarisation". *Langue Française*, 53, pp. 48-64.
- Roqueplo, P. (1974) *Le Partage du Savoir – Science, Matière, Vulgarisation*. Paris, Seuil.
- Todorov, T. (1981) *Mikhail Bakhtine – Le Principe Dialogique*. Paris, Seuil.